

Lições de Sociologia

O embaixador Sérgio Amaral, porta-voz da Presidência da República, fez a *descoberta do outro*: o presidente da República não criticou o Congresso na Cidade do México. Pelo contrário, quem falou de interesses e valores foi o sociólogo Fernando Henrique Cardoso. Pelo visto, o professor de Sociologia deve ter dito ao embaixador que os indivíduos desempenham diferentes papéis na sociedade: pai de família, sacerdote piedoso, bravo soldado, patricio zeloso, membro de base de partido político, deputado e senador, presidente da República. Sendo múltiplos seus papéis, são múltiplas as facetas de sua personalidade, da mesma maneira que são múltiplos seus "discursos". É bom que todos saibamos disso, pois, da próxima vez que alguém vier falar conosco, deveremos interrompê-lo sem cerimônia e perguntar-lhe à queima-roupa: "Quem está falando por V. agora?" Se o interlocutor se espantar, pensando que o julgamos dotado de qualidades mediúnicas, faremos a gentileza de comunicar-lhe que a partir da lição vinda do Planalto precisamos saber em que condição o referido cavalheiro fala para que possamos interpretar suas palavras corretamente. Imagine-se o que será uma conferência internacional: antes de começarem as negociações, alguém poderá suscitar grave questão de ordem: o embaixador plenipotenciário fala como representante de seu governo, como embaixador simplesmente, como nacional de

seu país, ou pai de família deseioso de regressar imediatamente ao aconchego do lar?

O sociólogo leva vantagens sobre o presidente da República. Em primeiro lugar, escreve uma obra hoje e pode depois, refletindo sobre o chamado "estado da arte", retificar os pontos que considerar malpostos. Já o presidente, não. Para esse, o mais das vezes o "estado da arte" é sempre a Constituição, o jogo político com o Congresso, a necessidade de não tratar mal a bancada ruralista ou a evangélica (que o sociólogo, desprendido de coisas desse tipo, pode dizer que são aglomerados de interesses e não de valores). Depois, o sociólogo é um intelectual e como tal não tem pátria (não que seja volátil como os capitais predadores ou como certos revolucionários fora de moda — talvez por já estar mortos). O presidente, desgraçadamente, preside os destinos de uma Nação — donde, queira ou não, ter uma pátria, dever zelar por ela, não poder fazer no Exterior considerações abstratas sobre suas instituições. Quando examina a conjuntura de sua nação, fá-lo como líder ou como quem pretende exercer uma certa liderança; analisa os fatos, vê a relação das forças econômicas e políticas em presença, traça uma política de alianças, aponta rumos à so-



cidade. O sociólogo não pretende ser líder nem apontar rumos. Como diria um mestre francês que por muito tempo não esteve em moda por ser liberal, o sociólogo é um espectador — nem sempre engajado.

Essas considerações devem ter povoado a mente do porta-voz da Presidência enquanto dava explicações destinadas a acalmar não a oposição, mas alguns membros da bancada governista. O presidente do Congresso, senador José Sarney, perdoou o chefe de gover-

no, embora o tenha criticado duas vezes: "Foi inoportuno falar contra o Congresso numa missão oficial. Isso só projeta uma imagem negativa do País". Ora, bem vistas as coisas, o senador José Sarney e os deputados e senadores da oposição que se colocaram contra o fato de o sr. Fernando Henrique Cardoso ter dito o que disse do Congresso brasileiro no Congresso do México (fora de qualquer pronunciamento oficial) simplesmente não são capazes de compreender a linguagem sociológica. Está, ainda, no tempo da velhíssima Sociologia, aquela que dizia que "o homem é o homem, a sociedade é a sociedade". Não perderam noites lendo os clássicos, inclusive os norte-americanos; se o tivessem feito, teriam aprendido a definição do que seja "papel social" e teriam sa-

bido que, além de cada um de nós poder ser senador pelo Amapá (*que é uma coisa*), grande eleitor no Maranhão (*que é outra coisa*), presidente do Senado (*que é terceira coisa*), presidente do Congresso (*uma quarta coisa*), pode ser também pretendente a presidente da República (*que é uma quinta coisa*), além de escritor. Político nenhum desses que falam mal do presidente, agora, estranhará se o sr. José Sarney, em cada um desses cinco ou seis papéis diferentes, fizer um discurso diferente. A experiência do antigo militante da antiga UDN, com certeza, incorporou-se a cada um desses papéis — de tal maneira que, em São Paulo, nenhum dos

As explicações do porta-voz sobre a distinção entre sociólogo e presidente merecem registro

personagens em busca de um autor falará mal seja da Assembléia de São Luís do Maranhão, seja dos políticos do Amapá, seja da Academia Brasileira de Letras. Isso porque, comentaria o embaixador-porta-voz, o sr. José Sarney pertence às elites que o sociólogo Fernando Henrique Cardoso condenou ao cemitério das elites que Pareto construiu na História. São sempre úteis as lições de Sociologia ministradas pelo porta-voz do Planalto. Revelam um pouco da personalidade — só que não se sabe de quem...